

VIAGEM AOS EUA

Sarney: Não podemos

O GLOBO Terça-feira, 24/9/85

renunciar ao desenvolvimento

TERESA CRUVINEL
Enviado Especial

NOVA YORK — "Não podemos renunciar ao desenvolvimento, condição do bem-estar, da educação e da justiça para nossas sociedades", reafirmou ontem o Presidente José Sarney, em discurso na sessão solene do Grupo Latino-Americano das Nações Unidas.

— Para nós, latino-americanos, o fio unificador, a idéia comum capaz de gerar unidade e conferir-nos um papel internacional inconfundível só poderá ser a renovação do nosso compromisso com um desenvolvimento pleno e equilibrado, fonte de bem-estar e Justiça — disse.

Sarney afirmou que sua presença na sessão assinalou a elevada prioridade que atribui às relações com os países da América Latina e serviu como expressão da vocação latino-americana do Brasil e da

"A vitória sobre a desesperança deve nascer do conhecimento sereno da força da América Latina"

sua profunda identidade com o continente.

— Hoje assistimos a novas iniciativas que comprovam essa capacidade de mobilização e de coordenação latino-americanas em defesa de interesses legítimos da região — disse. — E esse é sentido das ações do Grupo de Contadora e do consenso de Cartagena, orientadas pela firme decisão de encontrar soluções duradouras, estáveis e genuinamente latino-americanas para graves problemas que afetam a vida de nossos povos.

O Presidente destacou que exemplo de coordenação e de solidariedade é a diferença marcante entre a reação da América Latina à crise atual e à dos anos 30. Segundo ele, há meio século o colapso da economia surpreendeu os latino-americanos dispersos, isolados, encerrados em particularismos.

— Hoje o desafio mundial encontra uma América Latina mais coesa e trans-



Sarney cumprimenta o Presidente do Uruguai, Julio Sanguinetti, logo após o discurso

formada pelos esforços de integração — garantiu.

Para Sarney, nas décadas de 50 e 60 a América Latina foi pioneira na introdução de conceitos inovadores que iriam conduzir à Unctad (Conferência para Comércio e Desenvolvimento das Nações Unidas), à luta por uma nova ordem econômica internacional, ao diálogo Norte-Sul, à cooperação Sul-Sul, às 200 milhas de mar territorial e à convenção sobre o direito do mar.

— Por algum tempo, nossos países foram apontados como a história do sucesso do desenvolvimento, como economias na plataforma de decolagem para o crescimento auto-sustentado. Hoje, com igual exagero, somos vistos como descendentes de nós mesmos, mergulhados em perplexidade e frustração diante do desmoronar das velhas fórmulas desenvolvimentistas — afirmou.

O Presidente acha que a vitória sobre a

desesperança e o pessimismo deve nascer de uma reação baseada na autoconfiança, não apenas da afirmação da vontade contra a adversidade dos tempos, mas do conhecimento sereno da força da América Latina, da perseverança e da vitalidade que os povos latino-americanos, mesmo nos piores momentos, sempre souberam dar provas.

— Esses 40 anos de existência da Organização das Nações Unidas convidam-nos à reflexão e inspiram-nos para a ação. A reflexão traz-nos a certeza de que a América Latina muito tem a oferecer à Organização e aos ideais e princípios que dão sentido sua existência. A ação mostra-nos que o caminho é um só: a capacidade de influirmos na História passa pela criatividade de nossas idéias, pela legitimidade de nossas propostas e pela determinação com que soubermos buscar em nossa cultura a inspiração para construir um mundo de liberdade e de justiça — encerrou.

O PAÍS • 5

Americanos, supersticiosos, não se incomodam com 13 jornalistas

MIRIAM ALENCAR
Correspondente

NOVA YORK — Habitualmente preocupados com a superstição em torno do número 13, que às vezes os leva até a eliminar o 13º andar de um edifício, dando-lhe um outro nome qualquer (como 12-B, por exemplo), os americanos não se impressionaram ontem quando viram que eram 13 os jornalistas sentados em torno do Presidente José Sarney para o café da manhã — entrevista coletiva.

Eram 13 representantes do que há de mais importante na imprensa dos Estados Unidos, como The New York Times, o Washington Post e o Wall Street Journal, e todos saíram convencidos de que Sarney dominava bem todos os assuntos que abordaria no seu discurso de pouco depois na ONU, uma vez que o Presidente brasileiro foi sempre coerente com esse pronunciamento, nas respostas aos repórteres.

Funcionavam como repórteres, ao fazer perguntas, mas na verdade eram editores e diretores de jornais e revistas que lá estavam, em uma hora e meia de um bate-papo tranquilo só perturbado por um ou outro problema de tradução simultânea. As perguntas, que, como em todos os outros casos, restrinham-se de modo quase unânime ao problema da dívida externa, começaram depois de uma pequena explanação em que Sarney também permaneceu preferentemente no assunto dívida.

Aí abriu a rodada de perguntas o Editor Internacional do New York Times, Warren Hoge, até o ano passado correspondente do jornal no Rio de Janeiro e casado com uma brasileira. Hoge quis saber se os devedores latino-americanos vão continuar negociando separadamente ou se iriam juntar-se no que chamou de "cartel". Sarney descartou a pos-

sibilidade de formação de cartel, respondendo que cada país tem suas peculiaridades, instituições, estruturas e volumes diferentes de dívidas.

James Hoagland, do Washington Post quis saber então se a saída de Francisco Dornelles do Ministério da Fazenda não significava exatamente que o Brasil não vai conseguir caminhar dentro de um programa de austeridade como o FMI preconiza e Dornelles defendia. Sarney explicou que o País está reduzindo as despesas públicas e cortando tudo o

A dívida externa foi o tema principal do café-entrevista com editores de grandes jornais e revistas

que é possível. Mas dois tipos de despesas disse que não podia cortar:

— Os serviços da dívida e os programas sociais.

Fixou-se então nos programas sociais, afirmando que seria desumano cortar despesas como a merenda escolar, o auxílio a mulheres grávidas e a distribuição do leite infantil, pois isso seria acumular problemas.

— Queremos — encerrou a resposta — encontrar soluções viáveis no próprio interesse do mundo ocidental.

Como seriam buscadas essas soluções, quem se sentaria à mesa de negociações para buscá-las, quis saber então Warren Hoge. E Sarney:

— Acredito que os organismos internacionais. E não seríamos ingênuos para ignorar que esses organismos são controlados pelos desenvolvidos. O FMI funciona como uma auditoria dos bancos credores. Mas precisamos de qualquer forma encontrar uma solução.

Karen House, do Wall Street Journal, quis saber se o maior risco para o crescimento brasileiro era a dívida ou o protecionismo.

— O maior perigo — respondeu Sarney — é entrarmos em um período de insolvência. E, se as condições de mercado não ajudarem, nós entraremos num período de insolvência. A dívida e o protecionismo juntos nos levarão a isso.

O outro representante do Wall Street Journal deixou o problema da dívida para o outro pôlo mais importante da conversa do café da manhã. George Melloan quis saber de estatização desestatização no Brasil.

— Não podemos desestatizar da noite para o dia, mas o crescimento do Brasil daqui para a frente será feito pela iniciativa privada, pois o desenvolvimento da iniciativa privada corresponde ao reingresso do País na democracia. Onde entra em colapso a liberdade econômica, desaparece a liberdade política. No Brasil já sabemos que a liberdade política não vive sem a liberdade econômica. O carro-chefe do desenvolvimento econômico em nosso Governo será a iniciativa privada.

Foram os seguintes os 13 jornalistas participantes do café da manhã no Hotel Intercontinental: Warren Hoge, Editor Internacional, Ellen Gold (Economia) e Elaine Scialino, os três do The New York Times; George Melloan, Chefe dos Editoriais, e Karen Elliot House, ambos do The Wall Street Journal; James Hoagland, do The Washington Post; Donald Holt, da revista Fortune; Richard Duncan, da revista Time; Lewis Dvorkin, do Newsweek; Robert Dowling, do Business Week; Michael Littlejohns, da Agência Reuters; Santiago Real Azua, da Agência France Press; e Malcolm S. Forbes, proprietário e editor do Forbes Magazine, uma das mais respeitadas revistas econômicas dos Estados Unidos.